

A Bacia Hidrografica do Arroio Dilúvio

Irmão Juvêncio, Geógrafo
prof. de Geografia Física, P.U.C R.G.S.

Situação da área.

O Arroio Dilúvio situa-se no centro do Município de Porto Alegre e toma a orientação E-W, em largos traços, a partir da Praia de Belas, sobre o Guaíba. Restringir-me-ei tão somente a analisar a bacia hidrográfica do Arroio Dilúvio conhecido, comumente, por Riacho ou arroio do Sabão.

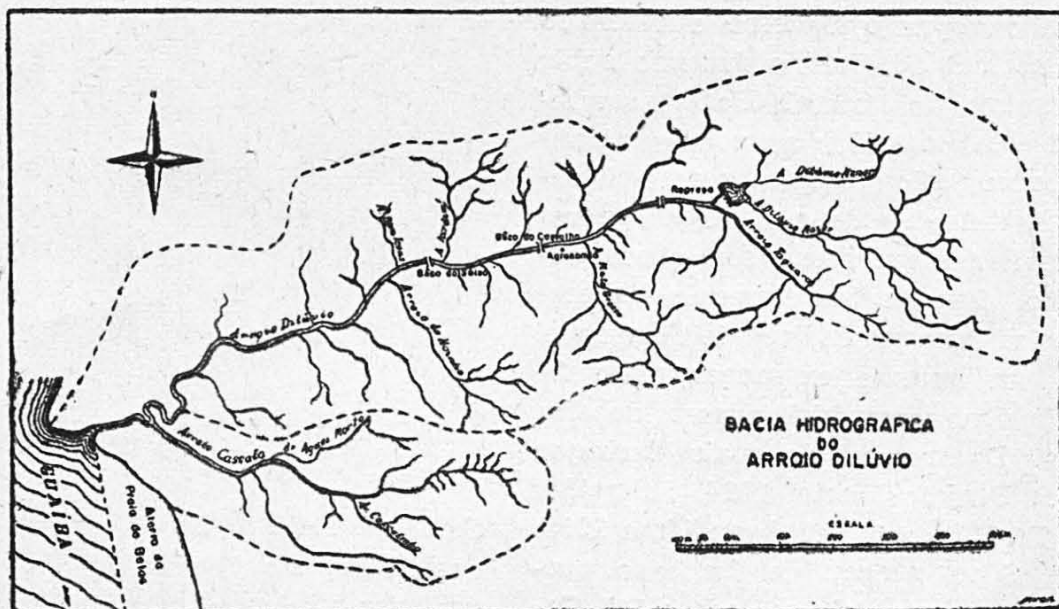
Limita-se ao oeste na Praia de Belas com o Guaíba; ao sul, com os espigões de S. Tereza, Menino Deus, Glória, Polícia, Pelado, Companhia e dorsos centrais das pequenas coxilhas na proximidade da represa da Lomba do Sabão; a leste, com os primeiros morrotes do município de Viamão e ao norte, com o morro de Santana, Av. Protásio Alves, Vila Jardim, Petrópolis, Moinhos de Vento, até o divisor percorrido pela av. Independência, rua da Misericórdia e Duque de Caxias até a ponta da Cadeia.

O Arroio Dilúvio

O Arroio Dilúvio nasce nas encostas dos morrotes truncados de Viamão. Os seus dois

braços, Dilúvio Maior e Dilúvio Menor, se juntavam a jusante da atual represa da Lomba do Sabão; agora lançam-se diretamente no volume de água represada. A crista da barragem encontra-se a 55m acima do nível do mar.

Podemos dividir o percurso natural de seu thalweg de 16 900 m, atualmente encurtado pelos trabalhos de saneamento, em 3 secções distintas: 1ª) Das nascentes até o estrangulamento de sua passagem na altura da Agronomia. É a fase erosiva e de transporte mais intenso de sedimentos. 2ª) Da Agronomia ao estrangulamento da coxilha meridional do Jardim Botânico. É o trecho de alargamento de seu leito e de deposição de largos tratos de areia. As escavações de areia a certa distância de seu atual traçado denota a instabilidade de seu leito em outros tempos. 3ª) Do Jardim Botânico até a fôz. É a fase de deposição e meândrica.

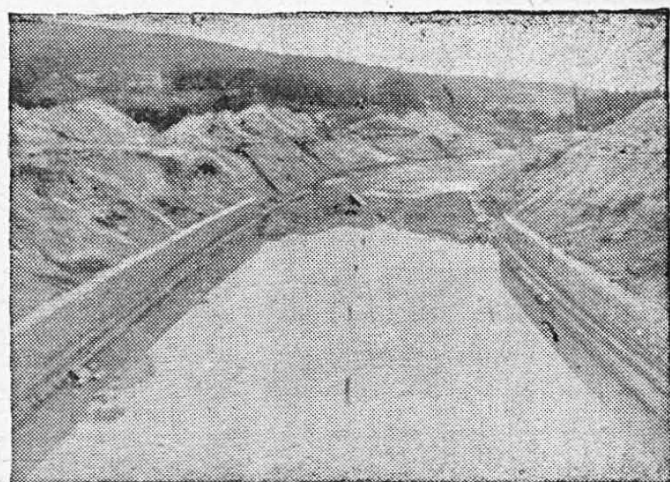


De pequeno filete, vai aos poucos juntando na linha de escarpas que atravessa de leste para oeste, bom número de braços ora à esquerda, ora à direita; dentre os mais avantajados citam-se: Arroios Taquara, Mato Grosso, Moinho e Cascata.

Na 1.ª secção o arroio segue um traço bastante homogêneo. Do Beco do Carvalho em diante já forma grande número de meandros que se acentuam à medida que alcança sua fôz. Em cada uma destas 3 secções distintas abre-se uma vasta planura circular entre os morrotes. Em consequência de uma menor declividade na secção final oferece sérios precalços à população ribeirinha em épocas de suas cheias periódicas. Administradores de grande discortínio resolveram sanear esta lacuna que oferece a capital gaúcha e dominá-lo por um traçado novo e canalizá-lo. Sua área alcança aproximadamente 65 Km², sem contar a vertente da Cascata, da área total de 470 Km² do Município de Pôrto Alegre.

Para permitir uma expansão equitativa nesta parte central era necessário sanear a vertente do Dilúvio que em períodos recuados tem sido um problema insolúvel. Sofre cheias periódicas e passageiras; assinalam-se as catrósificas de 1754, 1873, 1897, 1926, 1936 e 1941. A enchente de 1941 subiu de 1 a 4,73 metros acima do nível normal ficando 80.000 habitantes sem teto e causou prejuízos que foram ruinosas às populações ribeirinhas. Suas cheias são de caráter: 1º) Pluvial. 2º) Fluvial quando sopra o Sudeste e retém o escoamento normal do Guaíba fazendo subir suas águas acima do normal. Podem ser simultâneas. Nestas ocasiões as zonas estranguladas e baixas são completamente inundadas. Más instalações de esgotos e seu regime irregular desfavorecem seu pleno desenvolvimento. Seu regime irregular oferecendo por vêzes, no verão, um leito seco e, no inverno, um enorme extravasamento fizeram surgir diversos projetos para debelar estes óbices. Dentre os de mais destaque assinalam-se: Projeto Maciel 1914, Schneider 1925, Medaglia 1930, Arí de Abreu Lima 1935. Loureiro da Silva atacou de frente o problema baseando-se em dois métodos: 1º) Canalização, seguindo o leito natural. 2º) Re-

tificação com levantamento das margens para permitir uma ocupação efetiva dos grandes vãos urbanos, pois em generalidade a população urbana da bacia não ultrapassa 50 hab. por Ha. Para conseguir estes intentos recorreu à desapropriação. Houve reclamações dos inconformados e resistências com habeas corpus por diversos proprietários. Tais fatos, até que fossem resolvidos juridicamente, prejudicaram muito o andamento das obras. Mesmo assim, até o fim de sua administração, conseguiu ligar a ponte da Azenha ao Guaíba por um canal de 1.300 m. Resultou, somente neste trecho, num encurtamento de 1.600 m do Dilúvio, visto que o mesmo percorria anteriormente 2.900 até este ponto. Posteriormente, foram reloteados os quarterões de que resultaram quadras de 60 a 70 m de largo por 200 a 250 m de comprimento e lotes de 12 m de frente por 30 a 35 de fundo. Os trabalhos prosseguiram sob diversas Cias. Atualmente, a dragagem do leito se encontra na altura do Beco do Carvalho. Apenas um pequeno trecho medial, nos fundos do Hospício São Pedro, não foi ainda dragada por ter sido submetido à uma ação jurídica. Os trabalhos de drenagem das águas cloacais, pluviais, de calçamento da Av. Ipiranga e de levantamento de áreas marginais estão bastante avançados.



Canal do Dilúvio na proximidade do Beco do Carvalho. Ao fundo: Construção das Canevas Agostinianas num patamar do morro Santana. (Foto: Irmão Juvêncio)

NATUREZA GEOLÓGICA E PETROGRÁFICA DO SOLO

O solo e subsolo da bacia do Dilúvio é pobre em variedades. Em nossas incursões em todos os sentidos e direções pudemos apreciar a predominância da rocha granítica rósea com manchas de granito cinza e porfiroide, algumas intrusões de meláfiro, gneis, micaxistos e conglomeratos quartzíferos. As principais pedreiras que se encontram nesta área são de granito róseo que é muito empregado no calçamento das artérias urbanas. Os afloramentos da rocha matriz mais notáveis são do mesmo tipo. Na generalidade, uma tênue camada de musgo e líquens recobrem-nas e imprimem modificações estruturais profundas. De maneira que a grã do quartzo se apresenta saltada e rugosa denotando um estágio avançado de decomposição. O formato abaulado dos morros são o índice de uma porfiada longevidade erosiva. Saltam, assim, à vista a inclinação das complexas modificações geológicas. O mergulho mais comum e notório das rochas arqueanas no espigão do morro da Polícia, Pelado e da Companhia é N e NW. Tal fato chama a atenção sobre uma força eperiogênica lateral comprimindo o complexo cristalino do mar para o continente. Em consequência deste dobramento e falhas as pedreiras não oferecem grandes oportunidades de extrações. A direção da rocha é complexa e convulsiva sendo exploradas apenas as camadas mais superficiais menos sujeitas a tais fenômenos. O diaclasamento da rocha é heterogêneo e, em consequência, grande número de pedreiras são abandonadas já no estágio inicial de exploração. Os matacões que coalham os morros não seguem a regra e, por isso, são os mais explorados.

De mistura com o granito encontram-se resíduos de cristais de quartzo nas fraldas do morro Pelado, Polícia, Santana e Jardim Botânico. A 500 m a cavaleiro da ponte do Bêco do Salso há um notável filão de granito porfiróide de mais de 50 m de largura com direção N-S indo aflorar na meia escarpa do morro Sampaio. O perfil longitudinal do Dilúvio deixa ver em diversas porções de seu leito a rocha matriz, como no

sopé do morro do Jardim Botânico. O leito do Dilúvio desliza sobre uma corredeira suave.

A rocha matriz está muito decomposta, o raizame penetra profundamente desagregando-a em sua textura e estrutura. Através das fendas que abre permite a penetração das águas pluviais que realizam a transformação química necessária para a subsequente transformação profunda. Os horizontes superficiais dos solos nos espigões, patamares e terraços foram derruidos e destruídos. Permanecem apenas raras manchas de fertilidade nos altos e fraldas das coxilhas. Enquanto que os vales e terraços que recebem o carreamento desta decomposição são, deveras, ferazes. As superfícies expostas estão em estágio de avançada calcinação. Os patamares a meia encosta e morros residuais sujeitos a um intenso intemperismo, sofreram profundas modificações e discordâncias. A laterização ora se apresenta em fase inicial, ora em escala muito avançada.

Um aspecto bem diverso nos apresentam os terraços e pediplanos. Seu solo passa pelos matizes argilo-arenosos a areno-argilosos. Deixam medrar boas gramíneas e uma rica horticultura. Seus sedimentos recentes pertencem ao período de quaternário ou terciário superior.

Há áreas em que a predominância dos sedimentos limosos fortemente caulíniferos da baixada fluvial permitiu o estabelecimento de várias olarias à margem do tronco principal do Dilúvio. Ainda hoje funciona mais de meia dúzia, além de muitas outras que cederam seu lugar à aglomeração humana que sempre mais avança. De permissão algumas ilhas trapeanas assinalam a vinda de elementos erosivos da Serra Geral em períodos mais recuados.

Ainda outras áreas são inteiramente arenosas, como a área desde o Hospício São Pedro até a Agronomia onde uma estreita faixa beirando o arroio é uma reserva arenárea como se pode verificar no canal em abertura em que o 2.º horizonte de 1,50m de espessura logo abaixo de um 1.º horizonte fangoso é constituído de areia.

Geomorfologia

A estrutura de Pôrto Alegre é granítica. Suas elevações, morretes e escarpas que atualmente não ultrapassam 315 m como se infere pelos marcos geodésicos de alguns dos mais elevados, em ordem decrescente: Santana 314 m, Polícia e Pelado 275 m respectivamente, Teresópolis 250 m, Forte, Companhia e Cascata 225 m respectivamente, Glória 150 m, Independência 50 m, e Duque de Caxias 25 m; parecem contudo indicar que em éras geológicas passadas já terem tido altitudes bem maiores. No cretáceo, provavelmente, estavam unidos à Serra do Mar, tendo sofrido posteriormente um movimento de submersão de que resultou uma ilha que seria o atual Escudo Riograndense. Trabalho incansável do intemperismo conseguiu aplinar as suas grandes elevações indo constituir a sedimentação da Depressão Central e parte da lingua de terra aluvionar entre a Lagoa dos Patos e o Escudo Riograndense. Ao mesmo tempo que se processava tal transformação, sob influência isostática foram surgindo das profundezas e tomando novas alturas. Da ação conjugada dos agentes geológicos externos e internos, das precipitações torrenciais e dos extremos da escala termométrica sobre o imenso batolito inicial resultaram as formações mataconares e as extruturas de cristas alongadas dos morros que circundam a capital gaúcha. Sua orientação é NNE-SSW. Possantes movimentos diastróficos laterais ocasionaram inúmeros diaclasamentos, falhas e fraturas que se averiguam nas escarpas e linha de escarga central beirando, à certa distância, o arroio Dilúvio. A ação erosiva deixou impressa sua gigantesca e milenar obra de transformação nos diversos planos residuais dos morros cujos espigões formam o *divortium aquarum* da vertente. Crearam-se, em consequência, grande número de patamares, morros testemunhos, terraços, pediplanos e a colmatagem de depressões onde córtices ocasionais ostentam vários horizontes de sedimentação. Em certos trechos, este trabalho de transformação foi lento por apresentarem pontais agúdos que opuseram resistência ao desgaste.

Nas cabeceiras do Dilúvio maior e Menor delineam-se elevações truncadas em cujas ladeiras a rocha mater aflora, em especial à beira da estrada além da Lomba do Sabão. Outra particularidade notória é que à margem direita desde suas nascentes até o Bêco do Carvalho se alteia quase rente o morro Santana com uma rocha mais resistente, ao passo que à esquerda se estende uma vasta planura ocupada pelas culturas da Escola de Agronomia e Veterinária. E a cavaleiro da estrada Mato Grosso, neste mesmo trecho, sucedem-se lombadas e patamares ainda ocupados pelas matas. Aqui, certos tratos de terra encontram-se lavados pelas enxurradas e outros, conservam uma relativa fertilidade. Estes fatos fazem suspeitar uma lenta evolução meândrica do arroio e seu recuo sucessivo à direita deixando um terraço a 2 m de altitude, à esquerda. De permelo notam-se pequenas formações palustres.

Na região banhada pelo arroio Taquara existem roçados recentes e vastas zonas invadidas pelos vassourais com afloramentos intensivos de um saibrão graúdo. Há indícios de uma acentuada laterização destes solos.

A fralda Sudeste do morro da Companhia é ainda recoberta por boas matas. O topo tabular deste morrote deixa ver ao vivo grandes manchas graníticas em que a rocha mater está coberta apenas por uma tênue camada de líquens. Ao mesmo tempo em anos anteriores existiu aí um represamento de águas cujas instalações estão em abandono. Em suas fraldas aparecem tufo de gramíneas bastante verdes em pontos em que o diaclasamento é pronunciado de maneira que surgem ólhos de água.

No sítio das construções da Escola de Agronomia os pontais do morro Santana e da Companhia formam uma garganta de menos de 70 m de largo. A montante do arroio os terrenos são mais elevados e à jusante abre-se um alargamento considerável das planuras. Este fenômeno parece ligar-se a uma antiga depressão ou formação endorreica da zona superior que foi sendo aos poucos vencida pela erosão. E, por fim, uma falha teria permitido escavar uma garganta incisa em V ligeiramente aberta depois. Es-

ta garganta possibilitou o dissecamento ativo dos maciços superiores deixando ver nas ladeiras terraços fluviais.

Da Agronomia em diante as planuras são mais vastas e tomam mais a mais a direção sudoeste com um certo estreitamento do lado direito sobre as coxilhas do Butiá e Jardim Botânico. É uma varzea sedimentar. Os pacotes sedimentares não devem ir muito além de 5 m. A falta de sondagens não nos permitem esclarecimentos mais perfeitos e o encontro de rochas no fundo do canal de saneamento do Dilúvio nos levam a este arrazoado. O terraceamento e os patamares se sucedem em ambas as margens do Dilúvio.

Entre o morro Santana e Vila Jardim se estende uma garganta fertilíssima. Neste ponto o morro Santana sofreu um enorme impacto da ação erosiva e o escarpamento de suas ladeiras alcança a mais de 60 graus. Do mato do Sampaio descem em gargantas pequenos filetes de água.

Na 3.ª seção situa-se centralmente o morro do Partenon em 2.º plano. Isola-se por completo por uma série de pequenos arroios que o contornam completamente. Parece ser um testemunho de uma antiga fractura tectônica que o mergulhou e formou uma depressão central. Os pacotes de rochas desagregadas mais espessas estão a denotar uma antiga sedimentação e decomposição mais ativa que a de seus pares.

Um fato singular se nota nesta série de morros de ambas as margens do Dilúvio, uma decomposição mais profunda da rocha matriz à medida que se aproxima da foz, ao passo que, maiores afloramentos, a medida que se avança as suas cabeceiras. As escavações de pedreiras locais para coleta de saibro para o revestimento do leito de estradas e aterros demonstram-no.

Desde os fundos do Hospício São Pedro à jusante a estrutura de pacotes sedimentares se avoluma. A geomorfogênese geral leva a supor uma planície fluvial de conquista muito recente. Os terrenos marginais e grandes trechos do Menino Deus e da Azinha com sua morfogênese palustre atestam uma sedimentação atual. Dai resultam grandes vãos ecumênicos nas duas margens que vão sendo povoadas à medida que adiantam os trabalhos de colmatagem natural ou artificial. Administrações sucessivas tem lutado para afastar os focos de infecção sanitária que aí se aglomeravam. Os banhados eram numerosos e muitos deles transformaram-se, hoje, em grandes centros de atração urbana, como a Praça da Redenção, antiga Varzea, e zona palustre onde já funcionou o «Circo das Touradas».

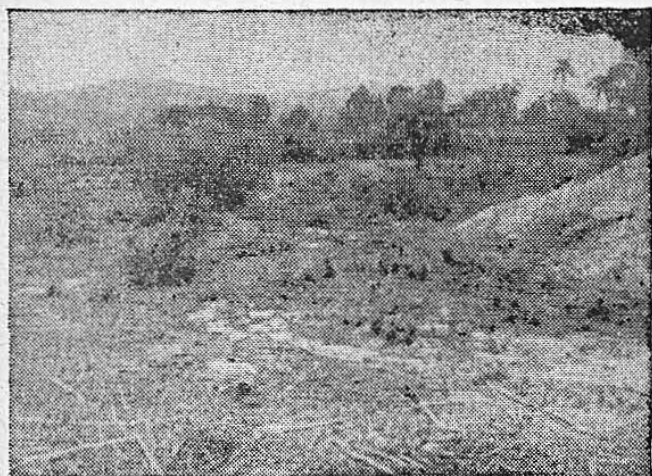
Em sua porção inferior o Riacho derivava para a direita indo desembocar na zona do depósito do Gazômetro onde se encontra ainda uma velha ponte de alvenaria. Foi nesta porção que se lançaram os fundamentos de Porto Alegre na então foz do Jacaré (Dilúvio) por ser um lugar abrigado para a navegação.

A extensa enseada da Praia de Belas, hoje em fase de aterramento e retificação, é um trabalho ciclópico do mar que durante o cretácico devia se esbater com fúria contra o bravio Jacuí. Naqueles recuados períodos grandes trechos incisos entre as gargantas marginais do Guaíba deviam estar inundados pelas águas marinhas. Na fase subsequente, já vencido o mar com a formação dos pontais que constituem as atuais restingas de Pernambuco e Albardão e havendo uma regressão marinha, o fundo do estuário guaibano foi colmatado e surgiu o delta e os rios foram diminuindo com a sedimentação dos pequenos cursos de água ao longo do estuário.

A VEGETAÇÃO

A vegetação arbustiva, antes da ocupação humana, devia ser densa como o atestam Saint Hilaire em seus escritos e os moradores mais antigos. Com a ocupação humana ela foi recuando mais e mais. Certas denominações, como a Estrada do Mato Grosso e as reservas estatais dos terrenos da Agronomia que sobem as rampas sulinas dos morros Santana e da Companhia e as canhadas entre os morros da Polícia e Pelado pertencentes a Bigada Militar o podem atestar. São matas baixas e sujas. As matas de galeria dos vales e das gargantas são de porte modesto e secundárias.

A devastação florestal para dar lugar a pequenas lavouras continua ainda seu ritmo normal em muitos pontos. E após o esgotamento da terra o giruá, os vassourais e macegais invadem-na, sendo substituída por sua vez por uma cobertura ciliar miuda um tanto rala. De permeio, onde o solo era ácido, permanecem vãos e ilhamentos arbustivos que, em breve, são presa de uma intensa laterização.



Ponto final de dragagem do Arroio Dilúvio. No primeiro notam-se os pés de Taquaruçu roçados para deixar executar as obras de saneamento. No plano medial: mistura butia-seiro, gerivás, maricás e corticeiras. De per meio construções de termitas. No fundo: Morros Pelado e da Polícia.

Foto: Irmão Juvêncio.

O reflorestamento é quase nulo. Um outro eucalital esparso. Algum pomar e nada mais. É a desproteção das camadas húmiferas que se vêm destroçadas em pouco tempo. Podemos classificar a flora em duas categorias, na expressão do Pe. Rambo: 1.º Flora do granito. 2.º Vegetação de varzea. As escarpas e patamares até onde sobe a flora se caracteriza por espécies de porte sempre mais modesto, do sopé a cumieira. Os espigões, na generalidade são despidos de vegetação arbustiva que se possa salientar a não ser, em parte, no morro Santana. Cactáceas, espiníhos, gravatás campestres e musgos dominam nos espigões áridos. Ao longo do Dilúvio e seus tributários adensam-se, touceiras de taquaruçus, choupos e corticeiras. Nas planuras dominam os maricás, umbus, aroeira salsa e o coqueiro. Os terraços mais elevados e os patamares são o habitat nativo do butiaceiro, da figueira e dos vassourais. Nos brejos nascem gravatás palustres, aguapés, capim de santafé. Em parte, os pantanais já perderam sua vegetação nativa e cederam o passo a várias indústrias cerâmicas.

Excelentes explorações hortícolas ocupam os terraços e patamares enxutos. Certos tratos devolutos onde rareiam, as rezes poderiam ser melhor explorados não fosse a ganância dos latifundiários que não permitem a exploração do solo em benefício da coletividade. Os mercados urbanos necessitam maior e mais variado abastecimento de verduras que perfeitamente poderiam vir desta área. Muitas das melhores terras estão em completo desuso.

Lançando um olhar retrospectivo podemos afirmar que a vegetação característica, por excelência e natural desta zona, vem a ser o Butiá (*cocos campestris*), o girivá (*cocos coronata*), a banana do mato (*bromelia mucilagínea*), a pitanga (*eugenia uniflora*), a cargueja (*genista tridentata*), a aroeira (*astroneum urendeuva*), a tarumã (*vitex tarumã*), o camboim (*eugenia*), e a capororoca. Hoje, boa parte desta flora que cheguei a conhecer a 25 anos atrás quando perlustrei pela primeira vez as encostas por-

toalegrenses está quase desaparecida e as modificações que se efetuaram são imensas. As gramíneas passam por toda gama de valores.

Excelentes trigais já se desenvolveram nas escarpas e terrenos enxutos. Destas culturas primitivas proveu a denominação de de um bairro residencial a «Azenha» pelo grande número de moinhos «azinhas» que surgiram. Estatísticas da época inicial registram colheitas abundantes com 80 a 90 por um. Malfadadamente a falta de técnica e meios preventivos não soube debelar a ferrugem que invadiu os trigais e a cultura foi abandonada por volta de 1823.

CLIMA

Pôrto Alegre situa-se a 30°1'57" Lat. S. e 51°10'58" Long. Greenwich. Está sujeito a um clima subtropical com a média anual de 19°5'C. O mês mais quente é fevereiro, em média 25° 6'C. e o mês mais frio, junho com 10°5'C. Máximas 40° e mínimas — 4°.

A média anual de chuvas é 1.291 mm. Distribuição irregular. No verão são frequentes os temporais, janeiro e fevereiro, com chuvas irregulares que alcançam 23%. Seguem-se anos chuvosos e secos. A chuva de setembro de 1926 que atingiu 383 mm representa a maior pluviometria no período de um mês em Pôrto Alegre. A altimetria pluviométrica de 3 mm em março de 1926 é o mais baixo valor de precipitação registrada em um mês em Pôrto Alegre. A chuva de maior intensidade com 50 mm num ¼ de hora, se registrou em janeiro de 1925. A classificação mensal de chuvas segue: Escassas menos de 60 mm; normais mais de 60 mm; abundantes mais de 160 mm; e excessivas mais de 250 mm.

Geralmente, na 1ª quinzena de maio, surgem áreas de altas pressões com chuvas mais prolongadas, seguidas de ventos impetuosos do oeste, queda da temperatura e geadas fracas e esparsas. É o veranico de maio. Dura uma semana, conservando-se o céu limpo, mas com nevoa, temperatura máximas diurnas elevadas, com calmaria, etc.

Temperatura máxima 25° e mínima 12°. Ocorrem também em meses do inverno. Há anos sem veranico.

O nº de geadas alcança a oito, sendo as primeiras em maio e as últimas em setembro. São fracas. a maior foi a registrada 27 de julho de 1870 no morro da Cascata.

Ventos reinantes: Leste e Nordeste na primavera e verão — Sul e Oeste, no inverno. As maiores velocidades anemométricas são de agosto a outubro; as menores, de março a abril. Chuvas duradouras são acompanhadas por ventos do Sul com a direção SW-NE, ventos marítimos carregados de umidade. No inverno, ventos frios úmidos e acompanhados do minuano sopram sobre a cidade.

As trovoadas alcançam de 30 a 40 por ano.

A umidade varia de 75 a 85%. Outono é a estação mais seca do ano, em média 68,92.

Insolação: 54% do valor possível de horas de sol.

Nebulosidade: ⅓ de dias claros, ⅓ de encobertos e o resto de meio encobertos.

O estado de salubridade não é regular e tem sofrido baixas em relação ao testemunho de escritos antigos. Um viajante, em 1835, deixou este escrito: «que nela se desfrutava boa saúde, sendo o ar balsâmico, puro e salubre, razão pela qual os facultativos não grangeavam fortuna e as boticas convertiam-se em casas de perfumarias».

POVOAMENTO

É nosso intento sumariar por alto os principais tópicos do povoamento da vertente, do Dilúvio. O assunto já foi ventilado, na parte geral, em outras obras.

Os fundamentos de Pôrto Alegre se lançaram em 1740 nas praias do Gazômetro, na foz do Jacaré (Dilúvio) por ser uma enseada mais abrigada dos ventos do Sudoeste. Os baixios e a colmatagem muito acentuada do leito do estuário removeram o ancoradouro para o ponto fronteiriço da praça da Harmonia. Aos poucos as primeiras levas de açorianos foram acrescidas por outras que

elevaram os efetivos do povoado que alcançou os fóros de Capital do Estado em 1773. Antes de Pôrto Alegre tinham exercido aquela função respectivamente: Rio Grande 1737-1763, Rio Pardo 1763-1766 e Viamão 1766-1773. José Marcelino de Figueiredo realizou tal transferência e também foi seu 1.º governador.

O 1º fazendeiro e povoador de Pôrto Alegre foi, na realidade, Jerônimo de Ornelas e Vasconcelos. Ao se estabelecer nestes pagos já os encontrou ocupados por tribos selvagens da tribo dos tapes e minuanos. Florescentes mandiocais vicejavam nas ladeiras dos morros Santana, Cristal e Cascata.

Matas exuberantes cobriam as colinas que cederam sob o golpe dos machados a trigoais de ótima qualidade e rendimento conforme se pode aquilatar pelas Estatísticas sobejamente elucidativas dos autores que compulsei e, por isso, me abstenho de refrisá-lo. Da 1ª azenha montada por Francisco Antônio da Silveira, em 1760, nasceu a denominação do arrabalde da «Azenha».

Seu constante crescimento exigiu uma fortificação e assim surgiu um valo profundo e os que demandavam a cidade pelo lado do Dilúvio tinham de cruzar um Portão para ter acesso à «Praça do Portão» atual Conde de Pôrto Alegre.

O primitivo Pôrto de Viamão, ao depois Pôrto dos Casais e, por fim, Pôrto Alegre tomando ares maiores requereu comunicações com os povoados vizinhos. Surgiu assim o «Caminho da Capela», depois «Caminho de Viamão», após «Caminho do Meio» e por fim Av. Protássio Alves, aberto pelo Engenheiro capitão Alexandre José Montanha. Deve-se, lhe ainda a abertura da estrada do «Mato Grosso», hoje Av. Bento Gonçalves. Sobre o espigão central urbano surgiu ainda o «Caminho do Passo da Areia», hoje, Av. Independência. Ao longo destas estradas foi-se adensado a população do centro para a periferia.

Em 1810 foi instalada como vila e em 1822 como cidade e em 1841 recebeu o título de «Leal e Valerosa». Já em 1808 a população orçava em 6.000 hab. Durante os sucessos farroupilhas, tendo sofrido muito dos contínuos cercos, não se poudo expandir, mas logo após a paz de 1845 a população recebeu um novo viço com as correntes imigratórias que para cá afluíram e fizeram-na progridir a olhos vistos. Já em 1900 contava 73.000 hab. e hoje cifra-se acima de 500.000 hab.

Para atender a parte recreativa do primeiro povoado apareceram as touradas na «Varzea», após «Campo do Bonfim», depois «Campo da Redenção» e hoje, Parque Farroupilha. Era um quadrilatero irregular e fôra doado à Câmara em 1807 com a sup. de 713.650 m², mas com as sucessivas Casas de Ensino Superior nesta área, viu-se restringido a 595.462 m². De banhado foi transformado em terra enxuta com o atêro do morro do Menino Deus.

A bacia hidrográfica inferior do Dilúvio é, indiscutivelmente, o centro residencial e intelectual da capital. Compõe-se dos bairros residenciais do Menino Deus, Azenha, Partenon, Rio Branco, Petrópolis e parte dos Moinhos de Vento, Teresópolis e Glória. Os estabelecimentos de ensino médio mais importantes e todo o ensino superior aí tem a sua séde. A maior parte dele ainda se localiza na zona restritamente urbana, mas boa parte está marchando para as cabeceiras do arroio. Assim já aconteceu com a Escola de Agronomia e Veterinária fundada em 1910, no sopé do morro Santana a 52 m acima do nível do mar e 45 acima do Instituto Cousirat de Araujo. Possui esta Escola uma área agrária de 116 Ha., para jardins e parque botânico 5.800 m², para pomar 38.600 m², para culturas 92.165 m² e para campos e bosques florestais 92.000 m². Construiu a pouco um moderno edifício para a Veterinária.

A Universidade do Rio Grande do Sul, possui ainda vastas áreas no morro Santa-na para onde deverá futuramente se transladar, apesar do espírito de renovação de seus antigos prédios in locu. Já o Instituto Hidráulico montou seu prédio, próprio na Lomba do Sabão à direita das cabeiras do Dilúvio. A Policlínica está em fase final de acabamento com os diversos conjuntos que a integram no antigo campo do Polo.

A Pontificia Universidade Católica também tomou uma arrojada iniciativa, de se transladar à esquerda da Av. Ipiranga que ladeia o Dilúvio, no Partenon. Já se encontra em construção a Odontologia e a área está sendo preparada para receber as demais unidades. Na margem oposta, em amplos terrenos foi criado há pouco o Jardim Botânico.

O Hospício São Pedro foi inaugurado a 29 de julho de 1884. Comprendia vasta área que já foi loteada em parte, outra desapropriada para permitir o saneamento das obras do Riacho, outra transformada recentemente no Jardim Botânico com 50 Ha. e a Colônia Agrícola ainda ficou com 30 Ha. Desta forma suas dependências atuais se reduzem a uma cifra muito restrita.

O Seminário Episcopal fundado por D. Sebastião Dias Laranjeira, nos fundos da atual catedral, possuía anexo o cemitério primitivo que em 1850 se transferiu para o alto da Azenha; serve hoje de moradia ao arcebispo metropolitano.

A Chácara das Bananeiras, atual Brigada Militar, já serviu como potreiro para rebanhos merinos, depósito dos cavalos do Corpo Policial e de lazareto de variolosos. Nos fundos está em construção a Penitenciária Provisória do Estado que vai resolver em parte o antigo problema da velha cadeia.

Em 1927, Otávio Rocha iniciou a Av. Borges de Medeiros, continuada por Loureiro da Silva e que está sendo continuada pela atual administração com o saneamento da Praia de Belas.

Em toda área que acabamos de delinear observa-se um intenso espírito renovador. As moradias primitivas do castiço estilo português e mosarabe ainda bastante comuns nos bairros do Menino Deus, Azenha e Glória, vão sendo aos poucos derrubadas e substituídas por outras de linha arquitetônicas modernas. Os arranha-céus avançam do Centro para a periferia seguindo ao longo das avenidas mais movimentadas. As favelas centrais estão se encaminhando sempre mais para os arrabaldes e subindo os morros em terrenos devolutos dos poderes públicos. Ao meu ver os poderes públicos chegaram tarde para dar à capital gaúcha uma verdadeira diretriz. A cidade precisa estancar em seu expansionismo horizontal, encher os inúmeros claros e tomar esclonada vertical.

Bibliografia:

- B. Rambo — A fisionomia natural de São Leopoldo.
- L. Coussirat de Araujo - Memória sobre o clima do Rio Grande do Sul.
- IBGE - Sinopse Estatística do Município de Porto Alegre.
- G. Hasslocher Mazon - Reminiscências de Porto Alegre.
- A. Azevedo Lima - Sinopse Geográfica, Histórica e Estatística de P. Alegre.
- Jean Roche - Porto Alegre, metrópole do Brasil meridional.
- J. Tupi Caldas - Estado do Rio Grande do Sul.
- Fortunato Pimentel — Aspectos gerais de Porto Alegre.